

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 29)

Serra do Pilar, 26 outubro 2017

- P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;
fica connosco (Lc 24,29)!
- R. E desça sobre nós a tua bênção!
- P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!
- R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (5, 1/11)

Quando Jesus viu a multidão, subiu a montanha. Depois de se sentar, os seus discípulos rodearam-no e ele começou a ensiná-los, dizendo:

*Felizes os que têm um coração de pobre,
pois deles é o reino dos Céus!*

Felizes os mansos, pois possuirão a terra!

Felizes os que choram, pois serão consolados!

*Felizes os que têm fome e sede de justiça,
pois serão saciados!*

*Felizes os misericordiosos,
pois obterão misericórdia!*

Felizes os que têm um coração puro, pois verão a Deus!

*Felizes os construtores da Paz,
pois serão chamados Filhos de Deus!*

*Felizes os perseguidos por serem justos,
pois deles será o Reino dos Céus!*

*Felizes de vós quando vos insultarem, vos perseguirem e disserem
falsamente contra vós toda a espécie de infâmia por causa de mim:
rejubilai e alegrai-vos, pois será grande a vossa recompensa nos Céus.*

Salmo 119, Het (57-64)

Senhor, sois um Deus clemente!

Sois um Deus clemente e compassivo!

Eu disse que a minha herança, Senhor,
é cumprir a tua vontade;
de todo o coração, eu te peço,
como prometeste, tem piedade de mim!

Refleti sobre os meus caminhos
e voltei à tua Lei:
apressei-me, não mais descurei
a obediência aos teus preceitos!

Cercaram-me os laços dos ímpios,
mas tua Lei não a esqueci;
a meio da noite, me levantei p'ra dar graças
perante as tuas sentenças justas!

Sou amigo de quantos te obedecem
e cumprem as tuas ordens;
a terra está cheia da tua bondade;
ensina-me, Senhor, as tuas leis!

Glória ao Pai, que nos revelou o Caminho,
por Jesus, que nos guia em nossos passos!
Glória ao Espírito que habita os nossos corações,
pelos séculos dos séculos. Ámen!

Têm sorte os pobres

Jesus não excluía ninguém. Anunciava a todos a boa notícia de Deus, sabendo que nem todos a podiam receber da mesma maneira. Todos podiam entrar no seu reino, mas nem todos da mesma maneira, pois a misericórdia de Deus exigia, antes de mais, que se fizesse justiça aos mais pobres e humilhados. Por isso, a vinda de Deus era uma sorte para os que eram explorados, ao mesmo tempo que era uma ameaça para os autores dessa exploração.

Jesus declarava abertamente que o reino de Deus era para os pobres. E diante dos seus olhos passavam todos aqueles que eram humilhados nas suas aldeias, sem se poderem defender dos poderosos latifundiários. Conhecia bem a fome daquelas crianças desnutridas. Tinha visto chorar de raiva e de impotência aqueles camponeses quando os cobradores

levavam para Séforis ou para Tiberíades o melhor das suas colheitas. Eram eles que, antes de mais ninguém, tinham necessidade de ouvir a notícia do reino: *Felizes de vós, os pobres, porque é vosso o reino de Deus. Felizes de vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes de vós, os que agora chorais, porque haveis de rir!* Jesus proclamava-os felizes, no meio daquela situação injusta que sofriam, não porque imediatamente passassem a ser ricos como os grandes proprietários daquelas terras, mas porque Deus estava já a chegar, a fim de acabar com a miséria e com a fome e de fazer aflorar o sorriso nos seus lábios. Ele alegrava-se desde já com eles. Não os convidava à resignação, mas à esperança. Não queria que alimentassem falsas ilusões, mas que recuperassem a dignidade. Todos tinham de saber que Deus era o defensor dos pobres e que eles eram os seus preferidos. Se o seu reinado fosse acolhido, tudo mudaria para bem dos mais desfavorecidos. Era esta a fé de Jesus, a sua paixão e a sua luta.

Jesus não falava de *pobreza*, abstratamente, mas daqueles pobres que encontrava quando percorria as aldeias: famílias que sobreviviam com a maior das dificuldades, gente que lutava para não ficar sem a terra e sem honra, crianças ameaçadas pela fome e pela doença, prostitutas e mendigos desprezados por todos, doentes e endemoninhados a quem se negava o mínimo de dignidade, leprosos marginalizados pela sociedade e pela religião. De facto, eram aldeias inteiras que estavam sob a pressão das elites urbanas, sofrendo o desprezo e a humilhação, homens e mulheres sem possibilidade de um futuro melhor. Porque é que o reino de Deus iria ser uma boa notícia para estes pobres? Porque é que iriam ser eles os privilegiados? Seria porque Deus não era neutral? Não amaria a todos da mesma maneira? Se Jesus tivesse dito que o reino de Deus vinha para tornar felizes os justos, isso teria tido a sua lógica e todos teriam percebido. Mas que Deus estava a favor dos pobres, sem ter em conta o seu comportamento moral, resultava escandaloso. Seriam os pobres melhores que os outros, para merecerem um tratamento privilegiado dentro do reino de Deus?

Jesus nunca louvou os pobres pelas suas virtudes ou qualidades. Provavelmente, aqueles camponeses não eram melhores que os poderosos que os oprimiam, pois também eles abusavam de outros mais débeis e exigiam o pagamento das dívidas sem nenhuma compaixão. Ao proclamar as bem-aventuranças, Jesus não dizia que os pobres eram bons ou virtuosos, mas que estavam a sofrer injustamente. Se Deus se colocava do seu lado, não era porque o merecessem, mas porque necessitavam. Deus, Pai misericordioso de todos, não podia reinar se não fizesse justiça, principalmente àqueles a quem ninguém a fazia. Era isto que alegrava

profundamente Jesus: que Deus defendesse aqueles que não eram defendidos por ninguém.

Esta fé de Jesus tinha na retaguarda uma longa tradição. Aquilo que o povo de Israel esperava sempre dos seus reis era que soubessem defender os pobres e os desprotegidos. Um bom rei devia preocupar-se com a sua proteção, não porque fossem cidadãos melhores que os outros, mas porque simplesmente precisavam de ser mais protegidos. A justiça do rei não consistia em ser *imparcial* com todos, mas em fazer justiça em favor dos que eram oprimidos injustamente. Era o que dizia um salmo que apresentava o ideal de um rei bom: *Que o rei proteja os humildes do povo, ajude os necessitados e esmague os opressores. Ele socorrerá o pobre que o invoca e o indigente que não tem quem o ajude. Terá compaixão do humilde e do pobre e salvará a vida dos oprimidos. Há de livrá-los da opressão e da violência, porque o seu sangue é precioso aos seus olhos.* A conclusão de Jesus era clara. Se algum rei sabia fazer justiça aos pobres, era Deus, o *amante da justiça*. Não se deixava enganar pelo culto que lhe era oferecido no templo. De nada serviam os sacrifícios, os jejuns e as peregrinações a Jerusalém. Para Deus, o principal era fazer justiça aos pobres.

Provavelmente, Jesus recitou mais de uma vez um salmo, que dizia assim a Deus: *Salva os oprimidos, dá pão aos que têm fome; o Senhor liberta os prisioneiros. O Senhor protege os que vivem em terra estranha e ampara o órfão e a viúva, mas entrava o caminho aos pecadores.* Se tivesse conhecido esta bela oração do livro de Judite, Jesus teria rejubilado: *Tu és o Deus dos humildes, auxílio dos oprimidos, sustento dos fracos, protetor dos abandonados, salvação dos desesperados.* Era a experiência que Jesus tinha de Deus.

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pág. 102-105)

Oremos (...)

Ó Pai,
aproxima-nos uns dos outros
e faz-nos ouvir o teu apelo nas dores dos homens
que encontramos no caminho
e que nos ajudam a perceber
que somos companheiros e conterrâneos
de todos os homens da Terra.
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo que nos habita.

Ámen!